

Revista Extensão Cidadã - Ano 4 – Nº 7, 2009
Entrevista com o Prof. José Francisco de Melo Neto

Por Júlio Américo



José Francisco de Melo Neto, graduou-se em Química pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - 1977) e Especializou-se em Química pelas Universidades: Estadual da Paraíba (UEPB) e Federal de Pernambuco (UFPE), em 1979. Graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB - 1997), com mestrado em Educação pela Universidade de

Brasília (UnB - 1984) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - 1996). Realizou programa pós-doutoral na Universidade de São Paulo (USP - 2003).

É professor Titular da Universidade Federal da Paraíba. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado), na Linha de Pesquisa em Educação Popular. Coordena o grupo de pesquisa em Extensão Popular, credenciado no CNPQ. Membro da Incubadora de Empreendimento Solidário Popular (INCUBES - UFPB). Possui vários livros editados, entre eles, *Extensão universitária - uma análise crítica* (2001). *Extensão universitária, autogestão e educação popular* (2004). Último livro: *Usina Catende: para além dos vapores do diabo* (2010). Todos editados pela Editora da Universidade Federal da Paraíba.

E tendo vivenciado todos esses anos dentro da extensão, é nesse contexto que a Revista Extensão Cidadã faz a sua sétima edição entrevistando o Prof. José Neto. Buscando aprofundar-se um pouco mais sobre a importância e a influência da extensão em sua carreira e também na comunidade acadêmica.

Revista Extensão Cidadã: *Há quanto tempo atua em extensão universitária?*

José Neto: Desde o início da década de 1990.

Revista Extensão Cidadã: *Como começou a sua história na extensão?*

José Neto: Ainda estudante acadêmico. Juntamente com outros colegas de vários cursos, começamos a dar aula em um cursinho pré-vestibular para alunos trabalhadores que não tinham condições de pagar, criado por um grupo de associações de moradores. Nesse momento, parece que surgiu a compreensão da necessidade de inserção de projetos acadêmicos voltados aos diversos setores sociais, particularmente para aqueles mais empobrecidos.

Mas, esta necessidade de mudança já pairava no pensamento à medida que estávamos inseridos nas lutas pela democratização do país, nos tempos da ditadura militar.

Revista Extensão Cidadã: *Que motivações o encaminharam para o trabalho com extensão?*

José Neto: Atuar na extensão se apresentou, a partir da nossa vivência, como uma possibilidade de se organizar um mundo acadêmico voltado ao mundo fora da academia. Esta escolha é uma opção filosófica que contempla uma visão de mundo, de política, de economia e ideológica, acompanhada de um jeito de atuar para que mudanças aconteçam na sociedade.

Revista Extensão Cidadã: *A extensão universitária visa aproximar a comunidade da Universidade. Na sua perspectiva, como definiria a extensão universitária? Seria uma espécie de movimento social?*

José Neto: A extensão universitária não é um movimento social. Este tem suas bandeiras de lutas específicas e seu próprio instrumental de reivindicações, além de ter uma origem fora do institucional, mas, basicamente, com sua origem no institucional, na instituição universitária e, até, em outras instituições, com uma dimensão política bem distinta daqueles dos movimentos sociais, nos moldes conhecidos.

Historicamente, a extensão universitária tem tido uma trajetória histórico-conceitual variada e, sobretudo, definida pela opção ideológica do Estado, discutindo sempre o papel social da universidade.

Aqui, no Brasil, no tempo da ditadura, extensão era vista como mão-única, isto é, a universidade ia levar conhecimentos à sociedade (os Crutac, Operação Rondon, Operação Mauá...). Essa perspectiva ainda continua viva em muitos projetos acadêmicos e reforça a visão autoritária da universidade em relação à sociedade. Uma perspectiva de que só a universidade detém o conhecimento.

Contudo, esse jeito de ver a extensão foi modificando-se para uma visão de mão-dupla, isto é, a universidade leva conhecimento para a sociedade e traz conhecimento dela. Nesta visão, parece haver uma troca de conhecimentos e saberes. Mas, isto ainda não ajuda na perspectiva de se ter uma teoria para contribuir na reflexão dessa dimensão acadêmica.

Hoje, a partir de vários projetos em todo o País, inclusive numa visão do Fórum de Pró-Reitores de Extensão, começa-se introduzir uma dimensão nova na extensão universitária que ajuda ao seu estudo teórico, isto é, a extensão como um trabalho social.

A extensão é um trabalho social e útil, com a intencionalidade de fazer conectarem-se o ensino e a pesquisa. Intencionalidade que arrasta a necessária dimensão de mudar a situação de opressão em que as pessoas estejam subsumidas. Passa a ser exercida pela universidade e por membros de uma comunidade sobre a realidade objetiva. É, portanto, um fenômeno educativo com um conteúdo pedagógico derivado de questões da realidade social. Também é prestadora de serviço sem ter essa finalidade. Pode, ainda, realizar alguma assistência sem se tornar uma política compensatória assistencial. Como ensino, é difusora de conhecimento bem como capturadora de problemas científicos, artísticos, técnicos e culturais da sociedade, contribuindo para que sejam analisados pelas técnicas de pesquisa, em especial metodologias de pesquisa que promovam a participação das pessoas nas questões de seu lugar, a exemplo da pesquisa-ação. Um trabalho coparticipado que traz consigo as tensões de seus próprios componentes em ação e da própria realidade objetiva. Um trabalho de construção do conhecimento novo ou reformulações das verdades existentes. Esses objetos pesquisados serão os constituintes de outra dimensão da universidade: o *ensino*. É também um trabalho de busca de objeto para a pesquisa.

Assim, a *extensão* configura-se e se concretiza como trabalho social útil, imbuído da intencionalidade de por em mútua correlação o ensino e a pesquisa, numa perspectiva política de permanentes mudanças, as mais profundas que se fizerem necessárias.

Revista Extensão Cidadã: *O que você entende por extensão cidadã?*

José Neto: Podemos entendê-la como um trabalho social que conduz uma utilidade e uma intencionalidade, nos termos postos anteriormente. Afinal, cidadão é aquele que atua para mudar, para melhor, as coisas de seu lugar, de sua cidade.

A extensão cidadã direciona-se ao fomento dos dois outros esteios da instituição universidade. Essa intencionalidade, adquirindo a dimensão de mudança, pode abrir fortes discussões de fundo teórico, algo importante para a continuidade do debate

sobre as diferenciadas possibilidades de realização da extensão universitária. O trabalho torna-se a categoria filosófica fundante desse processo.

Assim, podemos entender uma extensão cidadã pelo trabalho, visualizando-a como um trabalho que não aliena e, portanto, construtor de cidadania. Talvez, fosse possível chamar-se de *Extensão Popular*.

Revista Extensão Cidadã: *Qual o papel da extensão na mudança de consciência dos estudantes e da comunidade no que diz respeito às questões sociais e à consciência política?*

José Neto: A possibilidade de um processo extensionista com as características anteriores, além da opção ideológica de se atuar junto aos setores populares, um motivo a mais para chamá-la de Extensão Popular, esse processo ajudará na consciência dos estudantes, pois o coloca frente à frente aos problemas da comunidade, do lugar, da sociedade, de forma real. Pensar esse real com categorias teóricas ajudará na perspectiva de melhores análises desse mundo concreto. Sempre é importante que as análises tenham a anterioridade do real como ponto de partida e, assim, não cairão em trabalhos meramente idealizados (ensino ou pesquisa), não se prestando para o avanço da própria consciência estudantil em formação.

A pessoa se conscientiza a partir da análise do mundo de sua vivência. Trazer as questões mais atinentes da população para o campo acadêmico ajudará, de maneira profunda, à formação do futuro profissional, bem como, para outra visão que a comunidade pode ter do papel da universidade que não aquela, tão somente, de máquina fazedora de “doutores”.

Revista Extensão Cidadã: *Muitas vezes, a prática extensionista deixa de ser troca de conhecimento, experiências, saberes e arte entre a Universidade e a comunidade para se tornar apenas um meio de aplicação do conhecimento, prestação de serviços ou simplesmente assistencialismo. Como você avalia esta questão e como prevenir a reprodução dessa realidade na prática da extensão?*

José Neto: Isto é muito comum em projetos de extensão voltados ao social. A prática do assistencialismo é algo intrínseco ao ‘modus’ de organização da cultura, no País, a partir da dimensão religiosa cristã católica na nossa formação cultural. O lado religioso, mais das vezes, nos conduz ao desejo de salvar as pessoas da situação em que estejam. Esquecemos comumente que são as pessoas que de forma organizada, vão resolver os seus problemas. O trabalho extensionista na perspectiva em apreço,

significa, tão somente, que é social e tem a intenção de conectar o ensino e a pesquisa na universidade, além de contribuir para os processos de mudanças da sociedade.

A prática extensionista como um trabalho que não aliena, poderá de forma atenciosa não se prestar à continuidade do assistencialismo político. A promoção dos resultados de projetos em extensão nas salas de estudos e também como motivadora da pesquisa, podemos apostar, superarão qualquer desejo messiânico de salvar as pessoas e, portanto, de se fazer assistencialismo.

As ações educativas presentes nesse exercício de extensão voltam-se para uma ética dos fins e dos meios, resgatando-se a ética na política acadêmica de forma geral. Neste sentido, é que se pode desenvolver o trabalho social voltado ao exercício da democratização de todos os setores da vida social, com a promoção da participação de todos os envolvidos em extensão, incentivando, o exercício de cidadania.

Revista Extensão Cidadã: *Como as gestões das universidades públicas têm tratado a extensão?*

José Neto: Com raríssimas exceções, as gestões das universidades públicas têm, simplesmente, atendido às demandas do governo federal. Atender tais demandas é importante, mas isto não tira a necessária definição política da universidade no trato de problemas da região onde esteja localizada, fomentando a sua própria criatividade. Estamos sem formular políticas.

Revista Extensão Cidadã: *Quais as maiores dificuldades de se fazer extensão aqui na UFPB?*

José Neto: Podemos ver que as dificuldades que podem ser listadas para a UFPB, nem são tão específicas da UFPB. São aspectos intrínsecos à visão da extensão que, de forma dominante, ainda não é cidadã, na perspectiva conceitual de Extensão Popular. Este é um elemento da cultura estabelecida e não fácil de superação. Daí, decorrem as dificuldades de que a extensão é, no nosso caso brasileiro, um instituinte da Universidade – ensino, pesquisa e extensão, considerados contudo, com ponderações de valores que os separam e os diferenciam, sendo tratados de forma desigual. A exemplificar, podemos ver que bolsas são poucas para extensão; seus valores financeiros são distintos, para motivar a juventude ao trabalho de campo; a não existência de um órgão nacional, assim como existe direcionado especificamente, ao ensino e à pesquisa, fomentando apenas estas duas dimensões universitárias.

Algo vem mudando, é preciso reconhecer que muito já se tem feito, a exemplo da criação de Fórum de Pró-Reitores em Extensão que se esforça em elaborar políticas nacionais para o setor.

A extensão, todavia, continua pulverizada em vários setores da vida pública, em ministérios variados, por meio de multi-editais e, assim, dificultando-se a sua organização nacional.

Revista Extensão Cidadã: *Dentre os projetos dos quais participou, qual o que você apontaria como o mais próximo de uma extensão cidadã?*

José Neto: Temos assistido os mais variados projetos de extensão na UFPB. Podemos destacar aqueles desenvolvidos no Vale do Mamanguape como importantes exercícios de cidadania. Podemos citar, na área de música, desenvolvido com crianças, o Projeto Beira da Linha (Alto do Mateus). Projetos também na área agrária já concluídos, que pela extensão pesquisavam os melhores tipos de carne bovina, a partir de suas carcaças (Areia). Problemas que só nos podem interessar, aqui na Paraíba. Na área da saúde, são feiras promovidas por grupos de Saúde da Família em bairros da cidade de João Pessoa, e projetos voltados à saúde do trabalhador (Ceresat). Projetos e exercícios de cidadania na Comunidade de Maria de Nazaré, também em João Pessoa. Temos o Projeto Educação Popular e Atenção a Saúde da Família (PEPASF). Na área da educação especial, projetos voltados a esse setor que só podem estar voltados à cidadania.

Afirmamos que já há muitos e interessantes projetos, na perspectiva de uma extensão popular, que apontam para o exercício da cidadania.

Revista Extensão Cidadã: *Poderia nos citar alguns fatos que marcaram a sua história na extensão?*

José Neto: São muitos. Podemos destacar a descoberta de um rapaz totalmente louco e vivendo amarrado e escondido, em situação desumana, em uma casa de taipa no interior do Estado, por estudantes da área de saúde, em decorrência do Estágio de Saúde (estágio de vivência), um exercício de extensão. Um caso que fora encaminhado, posteriormente, ao Hospital Universitário.

Uma outra forte lembrança foi um encontro de capangas armados de rifles, de uma das usinas de açúcar do Vale do Mamanguape, com trabalhadores sem armas e em busca somente de água, em uma área denominada de “paul”. Momentos de tensão

em que nem água, aqueles senhores admitiam que trabalhadores e trabalhadoras pudessem ter para matarem a sua sede.

Revista Extensão Cidadã: *Que mensagem você deixaria para aqueles que ainda farão extensão universitária?*

José Neto: Um estudante que no tempo de sua formação atua em projetos de extensão é hoje um profissional que vê a vida de forma filosófica, política, econômica e socialmente diferente daqueles outros que não podem participar de tal experiência. Seja diferente, faça extensão.